REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 346

1 DE AGOSTO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

É verdadeiramente extraordinario o numero de crimes que n'estas ultimas semanas se tem praticado em Hespanha e Portugal, o numero de homicidios, de facadas, de tiros, de attentados de toda a ordem, de que os jornaes nos dão quotidianamente conta mais ou menos minuciosa.

Parece que passou por cima da Peninsula hispanica uma forte lufada de loucura e que a vida humana passou a ser uma coisa sem importancia, de que se dá cabo pela mais pequena futilidade, sem odio nem rancor, simplesmente por matar, por fazer alguma coisa, por obedecer a uma necessidade de temperamento.

Algumas pessoas, e na maior boa fé, cheias de convicção sincera que podia bem ter melhor applicaçao, acreditam que estas revoadas de crimes que de vez em quando caem sobre uma cidade, como um bando de corvos, são devidos á imprensa, ao jornalismo, á publicidade enorme que hoje tem as noticias criminaes, e que é o exemplo, a noticia, o conhecimento d'um crime, e de todos os pormenores com que foi praticado, que fazem reproduzir esse mesmo crime, gerar outros mais ou menos similhantes.

Eu, francamente, não acredito inteiramente nada n'esse contagio pela publicidade, e apesar de não morrer de amores por essas noticias, apesar de entender que a maior parte d'ellas nenhum serviço vem prestar á humanidade, ou ás letras ou ás artes, saindo da parte da policia para o noticiario, do cadastro da Boa-Hora para as columnas do jornal, não creio que venha d'ahi a multiplicidade de crimes que ultimamente se tem dado em Portugal e em Hespanha.

E não creio por muitas e variadas razões, umas que me dá a logica, outras que me fornece a experiencia.

A experiencia mostra-nos, é verdade, que quando se dá um grande crime, apparecem logo tres ou quatro crimes quasi identicos; como aconteceu quando foi do Troppman, como tem acontecido quasi sempre, como aconteceu agora em Hespanha com o crime da *calle de Fuencarral;* mas ao mesmo tempo que a experiencia nos mostra isso, mostra-nos tambem um facto que faz cahir pela base a theoria do contagio pela publicidade, e esse facto é o d'esses crimes serem quasi sempre commettidos ao mesmo tempo, sem que os auctores do crime B podessem ter tido noticia do crime A, mesmo admittindo a

PORTUGAL PITTORESCO

AVINTES — PONTE VELHA SOBRE O FEBROS (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Eduardo Coelho Junior)

hypothese que elles fossem assiduos leitores de jornaes, e que lhes chegassem ás mãos periodicos onde vinha a noticia minuciosa do crime, a noticia transmissora do contagio.

Ora é clarissimo que dando se hoje um crime horroroso n'uma rua de Madrid, e dando-se quasi que ao mesmo tempo um crime horroroso n'uma rua de Valencia, não se póde atirar para cima de nenhum d'estes crimes com a responsabilidade do outro.

Com respeito ás noticias de suicidio póde ser mais verdadeira a theoria da influencia perigosa da narrativa de factos identicos áquelles que se meditam.

É evidente que n'um espirito lucido, claro, sadio, a noticia de um suicidio, por mais romanticas e attrahentes que sejam as côres com que elle fôr pintado, não despertará idéa egual; mas n'um espirito já doentio, já perturbado pelo pensamento do suicidio, essas noticias podem de accordo apressar a transformação da idéa em acção, do plano vago em facto consummado.

Em todo o caso, em materia de crimes, como, no fim de contas, em quasi todas as coisas d'este mundo, o que me parece provado pela pratica é a lei imperiosa das series, da repetição de factos parecidos, da successão de acontecimentos similhantes.

Os jogadores de jogos d'azar conhecem todos essa lei mysteriosa, que elles nem ninguem póde ou sabe explicar, mas que inegavelmente existe, e sobre a qual os jogadores habeis e experimentados fazem os seus calculos e alguns mais audaciosos edificam theorias como por exemplo as theorias para ganhar ao jogo da *roleta*, theorias que lá por fóra andam codificadas em grossos volumes cheios de factos, de exemplos, de deducções e de calculos mathematicos.

Todos os jogadores da *roleta*, jogadores a valer, que sabem da sua arte, e que jogam com muito mais calculo do que vicio — embora a maior parte das vezes o resultado venha a ser o mesmo — tem a sua estatisca minuciosa das sessões.

N'essas estatisticas, as duzias, as côres, as *chances* e muitas vezes até os proprios numeros, repetem, como nas estatisticas criminaes repetem os crimes, os suicidios, as desordens e até os incendios.

Isto que estamos dizendo tem uma grande apparencia de frivolidade, mas se se derem ao incommodo de pensar um bocadinho sobre o caso, e de procurar exemplos nos factos de todos os dias, verão que não é tão futil como á primeira vista parece.

Quando se dá um crime, em Lisboa como em qualquer outra parte, é raro que não se dê logo outro a seguir, e outro, e outro, a maior parte das vezes, quasi que nas mesmas circumstancias, com os mesmos caracteristicos.

E o que se dá com os crimes, dá-se com os suicidios, dá-se com os incendios.

Passam-se semanas e mezes sem haver um fogo grande: ha um, logo a seguir ha mais dois ou tres.

E no fim de tudo esta descoberta não é só nossa: já ha muito mais tempo do que nós, descobriu essa lei mysteriosa e por emquanto desconhecida, das series, a velha e veneravel sabedoria das nações, quando inscreveu no seu monumental codigo, este profundo axioma: — *Uma desgraça nunca vem só.*

Seja porém como fôr, venha da lei das series, venha do capricho do acaso, venha do contagio da publicidade, o que é certo é que n'estas ultimas semanas Portugal e Madrid tem dado um contingente valioso á estatistica criminal da Europa.

O crime da calle de Fuencarral, em Madrid, entre todos, tem dado que fallar em toda a Hespanha, pelo mysterio impenetravel que até hoje, e perto d'um mez vae já decorrido — se tem conservado envolto.

O crime, a não ser esse mysterio, não tem nada que o ponha em evidencia, porque não ha n'elle nada de dramatico, de apaixonado, de pittoresco, d'interessante.

O mysterio porém que o envolve é que lhe tem valido a celebridade e tem originado na imprensa hespanhola grandes discussões, algumas d'ellas interessantissimas sob o ponto de vista social, scientifico e juridico.

Um dos pontos que se está discutindo é do maior interesse, e da maior modernidade — a hypnotisação dos criminosos.

Alguns jornaes de Madrid, tendo á sua frente a *Iberia*, cançados e desanimados com as infructiferas pesquizas da policia e da justiça á procura do assassino que vêem todos os dias esvaecer-se como fumo todos os indicios que na vespera se lhes afiguravam um rasto, lembraram e pediram á justiça que fizesse hypnotisar as pessoas presas como suspeitas do crime para depois de hypnotisadas se interrogarem ácêrca do crime e da sua cumplicidade.

Outros jornaes menos modernos protestam violentamente contra esta nova arma que se quer metter nas mãos da justiça, e classificam de immoral esse expediente aconselhado, partindo do principio que é uma traição, uma cobardia, uma illegalidade tirar a uma pessoa o seu livre arbitrio, o seu querer, o raciocinio, para lhe arrancar a confissão de um crime como se anesthesia uma gengiva para arrancar a raiz d'um queixal.

Os partidarios do hypnotismo resistem combatendo estes argumentos com razões que se nos afiguram valiosas, partindo do principio que a confissão do hypnotisado nunca constituiria prova de crime, mas simplesmente serviria de guia para se procurar a verdade, para se inquirir os factos a que essa confissão se referisse.

Em quanto ás accusações de traição, de immoralidade, de cobardia, chamam-lhes sentimentalismos ócos, e contestam-lhes com a segurança publica e com a busca de revelações, interrogatorios, acariações, sophismas, menturas e laços que a policia e a justiça, tendo em mira um fim legal e sacratissimo, fazem quotidianamente aos criminosos para lhes arrancar as suas confissões e revelações.

E a questão está n'este pé, sem que até agora da parte das auctoridades se tenha tomado resolução alguma; mas em todo o caso não é muito original ver estar a discutir na imprensa estas questões, que ha vinte annos ainda ninguem tomava a serio, assistir a estes debates que parecem capitulos *vividos* das *Memorias de um medico*, e presencear os esforços sinceros e convencidos que homens de talento e homens de sciencia empregam para introduzir no processo judiciario essas scenas de hypnotisação, que ha vinte annos a critica queria que se tirassem, como ridiculas e phantasticas, d'um drama que teve certo *successo* em Lisboa no theatro de D. Maria — *O Juiz*, onde o assassino, que era o malogrado actor Helliodoro, confessava pela hypnotisação, e pela sugestão, o seu crime?

Estas divagações ácerca do crime de Madrid levaram-nos mais longe do que desejavamos, tomaram-nos quasi todo o espaço da chronica.

Verdade é que a chronica de Lisboa nada tem hoje que dizer; poderia cifrar-se na transcripção do *high-life* dos jornaes diarios — o registo das sahidas de toda a gente para fóra da terra, uns para aguas, outros para campo, outros para banhos, outros para ferias.

Na cidade está pouca gente; a differença é já muito sensivel, e essa pouca gente que está e que de dia para dia é menos ainda, reune-se ás noites ou no Colyseu, onde a companhia de zarzuela tem alcançado grande successo com as peças *Cadiz*, *Gran Via* e *Dona Juanita*, ou no jardim da Exposição onde os concertos dirigidos pelo sr. Rio de Carvalho, e o calor, tem chamado grande concorrencia.

A politica está completamente parada; as camaras fecharam emfim, deputados, pares e ministros, partem em villegiatura, e até o augusto chefe d'estado, felizmente quasi restabelecido da doença que tantos cuidados inspirou, partiu já para o estrangeiro com sua esposa a sr.ª D. Maria Pia, e seu filho o infante D. Affonso, ficando a regencia do reino a cargo de sua alteza real o duque de Bragança, que prestará qualquer d'estes dias juramento ás camaras, que para esse fim vão ser extraordinariamente convocadas.

Não terminaremos todavia esta chronica sem noticiarmos o apparecimento d'um novo livro de versos d'um poeta de muito talento — as *Occidentaes* do nosso presado amigo Joaquim de Araujo, e sem enviarmos os nossos parabens pessoaes, e os nossos parabens em nome da redacção do *Occidente*, a um dos mais distinctos cavalleiros da nossa terra, o illustre *sportmen*, e glorioso artista o sr. Carlos Relvas, pelo seu recente casamento.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

AVINTES

Temos hoje a satisfação de reproduzirmos em gravura mais uma photographia das que nos foram obsequiosamente offerecidas pelo distincto photographo amador, sr. Eduardo Coelho Junior.

É um bello quadro em plena natureza, que revela o gosto do artista amador, pela boa escolha que fez do ponto extremamente pittoresco e pelas linhas da composição perfeitamente artisticas.

Esta photographia foi tirada n'uma excursão artistica que o sr. Eduardo Coelho Junior fez pelas provincias do norte, em que se não esqueceu da pittoresca Avintes, situada sobre a margem esquerda do Douro, distante uns seis kilometros ao S. E. da cidade do Porto.

Avintes é uma das freguezias mais ricas do Douro e terra fertilissima em producção agricola, que lhe permitte o ser uma das principaes fornecedoras de comestiveis da cidade do Porto.

O fabrico do pão é muito especialmente uma das suas mais importantes industrias, para o que tem cerca de cem moinhos, e diariamente as mulheres de Avintes vem ao Porto vender o pão, que trazem em canastras. Outras mulheres vem vender hortaliças e legumes, e tudo isto fórma um commercio importante, que compensa bem os habitantes de Avintes, da sua grande actividade, porque são muito trabalhadores

Avintes é condado dos condes do mesmo titulo, que são tambem marquezes do Lavradio, e foi D. Luiz d'Almeida o primeiro conde de Avintes, feito por D. Affonso VI em 17 de Fevereiro de 1664. Em 1725 D. José I deu o titulo de marquez do Lavradio ao conde de Avintes D. Antonio d'Almeida Soares Portugal. É povoação muito rica, povoada de magnificas quintas, e cortada pelo rio Febros que vem desaguar no Douro.

A gravura representa uma das vistas do Febros no sitio da ponte velha, um dos pontos mais pittorescos da risonha Avintes.

O MONUMENTO A GAMBETA

No dia 13 de julho, vespera do anniversario da tomada da Bastilha, celebrou-se em Paris a inauguração do monumento a Gambetta, com grande solemnidade.

Presidio á ceremonia o presidente da Republica Mr. Carnot, todo o ministerio e deputações das casas do parlamento, funccionarios da republica, etc.

A guarnição militar de Paris e os batalhões escolares fizeram a guarda de honra, que depois desfilou em continencia pela frente do monumento.

O grupo principal do monumento foi descoberto na presença de Mr. Carnot, tomando então a palavra o sr. Spuller, presidente da commissão executiva do monumento, que n'um breve discurso offereceu o monumento ao Estado. Discursaram depois Mrs. Le Royer, Méline, Freycinet, Floquet, etc.

O monumento a Gambetta ergue-se na praça do Carrousel, no espaço comprehendido entre os pavilhões Mollien e Turgot, proximo do primeiro dos dois *squares* da praça do Louvre.

Foi erigido por subscripção publica, promovida por uma commissão composta de amigos do grande patriota, entre os quaes figuram os nomes de M. M. Le Royer, presidente do senado, Henri Brisson, presidente da camara dos deputados, Faidherbe, Victor Hugo, Spuller, presidente da commissão executiva, e Campenon, general e antigo ministro da guerra, Testelin e Adrien Hebrard, senadores, Guichard, deputado, Girard mére do circulo vinte e Murat do conselho municipal de Paris, vogaes da mesma commissão.

De todos os pontos da França accudiram subscriptores, e a somma reunida elevou-se a tresentos e cincoenta mil francos ou sessenta e tres contos da nossa moeda.

Foi aberto um concurso para a apresentação de projectos do monumento, ao qual concorreram oitenta e dois artistas, tendo sido escolhido o projecto de M. M. Boileau filho e Aubé.

O monumento, que se acha reproduzido na nossa gravura, mede vinte e sete metros e setenta centimetros desde a base ao extremo superior incluindo o grupo que o remata.

No grupo principal que assenta sobre a base do monumento, vê-se a figura de Gambetta, despretenciosa, vestindo um paletot e na attitude de fallar ao povo depois da rendição de Metz, em novembro de 1870, quando diz: «Francezes elevae as vossas almas e as vossas resoluções á altura dos perigos que cahem sobre a patria. Depende agora de vós mostrar ao Universo que sois um grande povo que não quer morrer.»

Estas palavras acham-se gravadas por baixo do grupo, e são ellas que chamam em volta do orador os filhos da França, representados nas figuras que se agrupam em torno da figura principal. Um soldado derrotado significa o exercito

vencido que Gambetta pretende erguer com o braço esquerdo, emquanto o direito alçado aponta o genio da França que paira sobre a sua cabeça desfraldando a bandeira da patria. Ao lado tres figuras em attitudes diversas representam defensores da patria que preparam a sua defeza.

Aos lados da base as duas figuras que se vêem representam a Força e a Verdade. Na face posterior ha duas figuras de creanças que se abraçam significando a Fraternidade, e vêem-se tambem os emblemas da Liberdade figurada em um barrete phrygio e a Igualdade figurada em um nivel. São estas as tres palavras da Republica.

No obelisco que se ergue lê-se na face direita um fragmento do discurso pronunciado por Gambetta, em 19 de abril de 1870 aos estudantes; na face esquerda lê-se outro fragmento do discurso pronunciado em 1880 em Cherbourg; e na outra face acha-se gravado as origens da subscripção que se fez para levantar o monumento.

O Grupo que remata o obelisco representa a Democracia triumphante, figurada em uma mulher nova e transportada pelos ares por um leão alado. Na mão esquerda segura uma taboa, em que se acham traçadas a letras de ouro, estas palavras: «Declaração dos direitos do homem e do cidadão.» Na outra mão sustenta raios.

Eis o monumento com que a França prepectou a memoria do grande tribuno e do grande patriota Gambetta, que luctando pela regeneração da patria e fundação da republica, lhe consagrou a vida.

O GENERAL CAETANO ALBERTO MAIA

Falleceu no dia 4 do mez findo, o general mais antigo que existia do nosso exercito, o sr. Caetano Alberto Maia, cujas cans venerandas do octogenario eram realçadas pelas qualidades mais apreciaveis do militar e do homem.

É com profundo sentimento que vamos fazendo, nas paginas do OCCIDENTE, o necrologio d'estes portuguezes illustres, que nasceram com o seculo e com elle vão acabando, depois de terem dado os mais salutares exemplos de civismo, no serviço da patria, atravez das epocas mais anormaes e agitadas, como não é facil avaliar hoje, no meio d'esta paz duradoura que desfructamos.

Caetano Alberto Maia nasceu em Lisboa a 7 de agosto de 1807, quando Portugal atravessava uma epoca calamitosa, vendo-se invadido pelo estrangeiro, sacqueado e abatido, quasi sem forças para a lucta, que era preciso travar contra essa oppressão estranha, que estrangulava a sua nacionalidade.

Prolongou-se a lucta por muitos annos, porque sacudido o jugo estrangeiro, seguiram-se as luctas pela liberdade, luctas fratricidas, de partidos, que depois de terem os seus primeiros triumphos em 1833, ainda continuaram com intermitencias mais ou menos amiudadas até 1851, termo final d'esse longo periodo agitado que assoberbou a nação por metade do seculo.

Os que nasceram e fizeram as suas primeiras armas durante esse periodo, bem mereceram da patria, que tantas vezes viram prestes a afundar, e outras tantas se esforçaram por salvar.

Muito poucos restam d'esses portuguezes, cada vez se rareiam mais, e uns apoz outros vão desapparecendo, uns obscuros outros notaveis, que raros deixaram de empunhar uma arma, de luctar pela mãe commum.

O general Maia militou justamente durante essa epoca agitada, e tendo completado os seus cursos da Academia de Marinha e de Fortificação foi despachado alferes para infanteria, a 27 de novembro de 1827, ficando addido ao batalhão de caçadores 8.

Passou depois para o corpo de engenheiros e fez parte do destacamento, que em 1833 foi para Setubal proceder ás fortificações da, então, villa.

Accommettida a villa de Setubal pelas tropas realistas em 12 de abril de 1834, tomou parte na defeza de que ficaram vencedoras as forças liberaes. Em 24 de julho d'esse anno era Caetano Alberto Maia promovido a primeiro tenente de engenheiros.

Feita a convenção de Evoramonte, foi nomeado commandante de engenheiros na praça de Abrantes, e n'este logar se conservou durante os acontecimentos de 1837 que terminaram no combate do Chão da Feira.

Em 18 de agosto de 1838 foi promovido a capitão, e desde este anno até 1851 em que foi promovido a major, em 29 de abril, foram innumeras as commissões que desempenhou por todo o paiz, incluindo o commando de engenheria da decima divisão militar, nos Açores, onde esteve desde 1838 a 1843, sendo durante este periodo encarregado pelo ministerio do reino, de varios estudos relativos ás doccas das ilhas do Fayal, Terceira, Santa Maria e S. Miguel, de que deu boa conta ao governo.

Regressando ao continente em 1843, foi nomeado addido para a repartição de obras publicas, no ministerio do reino, deixando este logar em 1846, por ter sido nomeado adjunto ao quartel mestre general do exercito de operações do commando do duque de Saldanha, onde se conservou até á dissolução d'este exercito em 1847, epoca em que terminou a guerra civil.

Voltou então ao seu antigo logar na secretaria do reino, e quando, em 1852, se creou o ministerio das obras publicas, foi nomeado chefe da repartição technica, em 14 de outubro d'esse anno.

Por fallecimento do tenente general visconde da Luz, passou a desempenhar as funcções de director geral, em 18 de outubro de 1864. A 30 de novembro de 1865 foi nomeado vogal effectivo do conselho de obras publicas e minas, que depois foi mudado em junta consultiva de obras publicas e de que Caetano Alberto Maia foi presidente até ao seu fallecimento.

Em 4 de maio de 1859 foi promovido a tenente coronel, a coronel, em 18 de julho de 1864, a general de brigada, em 16 de dezembro de 1872 e a general de divisão em 27 de junho de 1880.

Contava o general Caetano Alberto Maia 61 annos de serviço activo, no desempenho das mais difficeis e importantes commissões de que se houve sempre com zelo e intelligencia, deixando boa memoria de si.

As distincções officiaes que possuia eram: titulo de conselho de sua magestade, gran-cruz e commenda de d'Aviz, commendas de Christo, de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia, de Izabel a Catholica de Hespanha, Cavalleiro de Torre e Espada e da Conceição, e medalha das Campanhas da liberdade.

Sobre o peito do venerando general assentavam bem todas estas distincções, que eram justo premio de tão longos serviços prestados á patria.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

O PAVILHÃO PRINCIPE DA BEIRA

(EXPOSIÇÕES COLLECTIVAS)

(Continuação)

Estamos ao pé da porta de entrada do pavilhão, proximo da exposição de Villa Viçosa, onde principiamos a nossa revista.

As installações ao centro da sala, contadas de oeste para leste, são: do Porto, Manuel Francisco da Costa, em obra de serralheria, com o preço de cada peça; de Lisboa, Companhia carris de ferro, arreios e ferragens do gado pertencente á mesma companhia; de Lisboa, productos da fabrica *Progresso Nacional* de José Rodrigues Mendes.

Aos lados d'esta installação acham-se as *vitrines* de uma confeitaria de Santarem e da expositora D. Maria Salomé; de Lisboa, fabrica de conservas e de productos alcoolicos de Costa Santos & C.ª, crêmes, licores, xaropes, farinhas, molhos para peixe e carnes, frascos com hortaliças sortidas e aguardentes; farinhas da moagem a vapor *Actualidade* do Porto; productos da pharmacia Manuel de Jesus & Filho, premiados na exposição industrial do Porto de 1865, de Vienna d'Austria 1873; de Braga, paramentos religiosos do fabrico de José Joaquim d'Oliveira; vitrine dos trabalhos dos alumnos do collegio Regeneração de Braga; um estrado com productos da ilha da Madeira, mobilia de verga, conhecida obra de talha, collecção de areias da praia e argilas com que na ilha fabricam a louça vermelha, telha, tudo com o preço respectivo; seguem-se duas vitrines sem indicação de procedencia com chapeus de palha para senhora, caixas de costura, tabaco em cigarros, charutos, e em fio, tudo com o preço marcado,—e a outra com javalis embalsemados, avestruzes, cabeças de veado, passaros etc.; João Carlos da Fonseca expositor das Devezas, do Porto, esculptura em barro, vazos coloridos, etc.; Antonio Rodrigues Pinto, expositor do districto de Coimbra, conservas alimenticias, vinhos, licores e cereaes de expositores diversos, d'onde não é possivel descriminar as procedencias; José Clemente Pinto, idem, fabrica de massas e moagens de cereaes a vapor, fundada em 1868, premiada nas exposições de Coimbra 1884, agricola de Lisboa 1884, Vienna d'Austria 1873, Paris de 1878, preços marcados, sabemos que este expositor, pela maneira lucida da sua exposição está sendo favoravelmente notado na actual exposição de Barcelona; J. V. B. Miranda, idem fabrica de moagens de cereaes: José Francisco da Cruz, idem, apresenta noventa e duas qualidades de bolaxa, entre ellas *Avenida Navarro*; esta exposição do sr. Cruz é uma das melhores do pavilhão *Principe da Beira*, porque além de muito elucidativa para o visitante é um documento vivo do adiantamento da industria em Coimbra; seguem-se duas vitrines octogonaes, sem indicação de expositor ou procedencias dos productos, contendo a primeira objectos de pharmacia e a segunda bengalas; em seguida a uma installação, muito agradavel pelo adiantamento e correcta pela disposição, em objectos de correeiro, celleiro e colchoeiro de Manoel Mendes da Eira, temos uma pyramide de cadernaes e moitões, obra admiravelmente acabada, mas de que não podemos saber o nome do expositor ou manufactor; um trabalho de galanteria, em cortiça, pelo sr. Henrique Marques Perdigão, e a importantissima installação do sr. Manuel José da Costa Soares em cadeiras, sophás, descanso para chapeus e prensa para encadernador, em ferro, e bancos e mesa de uma só peça para escolas, completam a formosissima installação das esposições collectivas no pavilhão *Principe da Beira*.

Terminando, não devo deixar de dizer que me auxiliou muito, com respeito ás installações de Coimbra, o sr. Arnaldo Augusto de Sousa Doria, pela amabilidade que teve acompanhando-me sempre, e prestando todas as indicações que lhe pareceram necessarias, e por isso aqui lhe presta o OCCIDENTE a homenagem da sua gratidão.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

QUADROS E BUSTOS

I

Quando acabamos de percorrer as galerias lateraes da Exposição industrial, e vamos já com todas as curiosidades pacientes da nossa observação saciadas, embotadas, e adolentadas pelo espectaculo monotono dos mil e tres objectos variegados e multiformes, de diversas origens e de desencontradas castas, interessantes decerto mas seguramente inemoventes na sua materialidade, que nos diz o continuo esforço multiplicado da intelligencia e do trabalho dos homens na preoccupação incessante da subsistencia, sabe-nos bem ao espirito a nobre e garrida serenidade das obras d'arte, que se encontram no vasto pavilhão central. É uma impressão deleitante de repouso e de consolo, comparavel á que sente quem, depois de atravessar penosamente um basto mattagal onde as raizes tortuosas fazem tropeçar, os troncos esgalhados magôam, as sylvas enredam o caminho, e as densas ramarias fustigantes impedem d'avistar o ceu, desemboca de repente n'um espaço desafogado, onde póde descançar á vontade sob a tranquillidade cariciosa do azul e respirar, a pulmões cheios, o saudavel ar perfumado.

Metade das altas paredes do salão, fartamente allumiado pelas claridades francas do dia, ou, á noite, pelo vibrante luar da luz electrica, está forrada pelos quadros, n'uma especie de mosaico irregular e vistoso, em que fulguram angulos dourados de molduras. Os trabalhos novos são raros; e, talvez para contrabalançar a seu modo a ausencia deploravel d'alguns dos mais elevados artistas, assim como a escassa representação d'outros, apparece-nos imprevistamente um bando de pintaroladôres ainda verdes, ou irremediavelmente gêbos, qual modesto, qual farofioso, balbuciantes ou aleijados, divertidos ou impertinentes, simples intrusos fruidôres d'uma obscuridade inviolavel, ou arrogantes ganhões famintos d'espairecerem o seu chistoso aprumo. Mas, d'entre as obras mais conhecidas e a tempo registradas nas ligeiras chronicas consagrantes, devo destacar primeiramente os dois largos quadros de Silva Porto, a *Salmeja* e a *Volta do Mercado*, solidos e soalheiros trechos de natureza realisados na tela pela contemplação instinctiva e pelo espontaneo sentimento d'um poeta, que parece saber pintar com a propria luz, e cujos singulares recursos como executante inspirado de verdade avultam agora superiormente n'esta exposição numerosa, recom-

mendando outro officio, d'uma maneira clara e incombativel, aos criticos desalinhados que já consideram decadente o robusto mestre paysagista.

De passagem saudo tambem os tres finos retratos assignados por Antonio Ramalho, d'uma tonalidade rosada e sobria e tão delicados no seu acabamento elegante; mas confesso que não se me daria de vêl-os offuscados, redondamente, pela presença graciosa e sobranceira do trabalho mais recente d'este artista, o primoroso retrato da senhora D. Helena de Valladares Dulac, em tamanho natural, e em que a ingenuidade preciosa da feitura, detalhada e leve, arteiramente graduada e como afagada pelo pincel, dá um attrahente realce á belleza de loira esbelta e risonha do modêlo, efflorescente de mocidade. E a seguir noto, relacionadamente, os variados estudos de figura expostos por Malhôa, que nos retratos de senhoras procura alcançar delicadezas suaves de colorido prestando ás carnes umas transparencias doentias, e emprega tons cerosos, affectados e adelgaçados, d'um amaneiramento aduladôr, para reproduzir as macias alvuras d'epiderme. Afóra isso, reconhece-se que Malhôa vence hoje certas difficuldades de modelado e de desenho, que n'outros tempos o embaraçavam ou tolhiam; e pinta galantemente as pellucias e as sedas, os setins e os arminhos, todas as fofices airosas e aristocraticas d'uso feminino.

Em contraste, apresentou uma composição de assumpto bem plebeu, uma scena vulgar de rua ou de caserna em que alguns pobres veteranos, restos de heroes e tarimbeiros, sujos, ramelosos, remendados, e derreados, esquecem os rebates dos rheumatismos e mais achaques adquiridos nos campos do perigo, relembrando qualquer episodio da batalha da Asseiceira. É uma tentativa curiosa, e julgo que o artista andaria razoavelmente se considerasse este quadro, de tão acanhado ambito, como um simples esboço, que ainda poderia desenvolver e completar, desdobrando-o com vagar n'uma téla de proporções mais amplas. Tal como o fez, tem um aspecto desagradavel e desastrado; os tristes velhos empilham-se e forçosamente abafam, atulhados n'um canto estreito; um d'elles, mesmo, aproveita a occasião para cheirar voluptuosamente a cabeça caspenta do camarada que, ao centro, levanta a cara alvar escutando n'um pasmo; emquanto que o narradôr, pondo a mulêta ao hombro n'um movimento d'enthusiasmo rejuvenescente, mostra uma falha inquietadora no seu meio perfil vigoroso e animado, como se algum golpe de guerra houvesse extorquido o grosso labio superior d'aquelle rhapsode mutilado.

O negrume dramatico, aonde Condeixa pretende interpretar a violenta paixão intima do grande rei D. João II, quando dá com o corpo inanimado de seu filho, recolhido n'uma barraca miseravel de pescador, apenas póde revelar as excellentes qualidades d'um desenhador escrupulosamente correcto. Quanto ao mais que n'elle se contém, certamente que achamos quasi todas as condições requisitadas para esse laborioso e cordato genero d'obra, sobre que um engano inveterado e renitente manda estampar o rotulo academico de — quadro historico, talvez porque o seu fim principal, o mais logico, e o mais apparente ao rude raciocinio despovoado dos aranhões classicos da convenção, consiste precisamente em falsificar um facto vivido no passado, e cuja ressurreição plastica se tornou impossivel perante a verdade absoluta, apropriando a capricho os modêlos d'acaso, os vestuarios de guarda-roupa, o scenario inventado á pressa, e outros elementos artificiaes fornecidos pelo presente. As nove ou dez figuras, que enchem a téla espaçosa, estão convenientemente dispostas em grupos moderados, tendo o cuidado de se arrumarem a preceito, para não haver por lá confusões de gestos angustiosos, nem as corriqueiras manifestações impetuosas e desordenadas da afflicção e da dôr; até o rei se lembra a proposito d'estacar, recuante e escabellado, bem no fóco da composição, levando as mãos á cabeça n'uma attitude d'estarrecimento, que, se fôsse arranjada no tablado por um comediante astuto, arrancaria trovoadas d'applausos á commoção prompta das platéas; e a pequena gala dos trajares concorre para a exhibição propicia d'uma d'aquellas colorações tibias e discretas, que as Escolas caturras acham sempre d'ideal quilate, combinadas n'uma tramoia virtual d'espirito de corporação, sem descerem á comprehensão util de que a bella sobriedade rebuscada confina com a impotencia, tantas vezes. Ninguem procure, porém, a movimentação impressionante da vida na imaginaria tragedia real, que se passa no interior d'uma cabana obscura e acaçapada, — o que serve para explicar o effeito dubio da perspectivação d'este quadro fusco. Tudo é frigidamente theatral; e o nosso bom rei, o epico, altivo, e voluntarioso D. João II, desmancha-se n'uma postura de tal modo melodramatica, que chego a desculpar a chrisma estranha com que o pintor o agallegou, inculcando-o á veneração dos francezes, no *Salon* de Paris, sob o nome equivoco de *Don Juan!* De resto, Condeixa expôz tambem uns quadrinhos infelizes, que não merecem menção especial; mas o *Retrato do auctor* é d'uma execução perfeita e d'uma rigorosa parecença, de que dou fé gostosamente.

Aqui está Columbano, que abandona as minudencias excessivas dos contornos, indefinidos e como aerisados na realidade, e, abstrahidamente, adoptou um systema á Delacroix, ao mesmo tempo intuitivo e positivo, de condensar em caracteristicas pinceladas a immobilisação dos corpos apanhados ao vivo, conseguindo indical-os, ainda que seja de relance e vagamente, pelo vulto e pela espessura evocada no ambiente, na sua apparencia mais fugitiva e portanto mais flagrante. Nos seus estudos de figura, já muito discutidos, ha toques poderosos de creação e manchas admiraveis, que são verdadeiras syntheses d'observação e de côr, apesar de desacompanhadas por entre os turvos desfallecimentos de factura, e de surgirem atravez das extravagancias arrojadas do claro-escuro, diffuso e pavoroso, que envolve, róe, apaga, e dissolve por vezes as cousas, como uma luminosidade soturna de cahos. Designadamente, o retrato do famoso mata chronicas M. Pina tem a importancia capital d'um documento humano. Cada traço impiedoso e exacto foi accusando, na impassibilidade frisante da pintura, o craneo

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

O PAVILHÃO PRINCIPE DA BEIRA, EXPOSIÇÕES COLLECTIVAS (Desenho do natural por J. R. Christino)

MONUMENTO ERGUIDO A GAMBETTA, NA PRAÇA DO CARROUSEL, EM PARIS

INAUGURADO NO DIA 13 DE JULHO DE 1888

achatado e o focinho de furão, o olho baixo, sem o brilho do pensamento, a face esverdeada pela ictericia d'uma soffreguidão biliosa, e a exiguidade desossada dos hombros, e o peito encolhido, terminando pela nota vaidosa das luvas soltas e alvejantes, empunhadas com apparato; e, reparando por momentos no ar lôrpa e atrevidote e no exquisito perfil simiesco de tão abalisado mancebo, fica-se conhecendo de todo o individuo physico e psychico, na sua dupla inferioridade desolada.

São deliciosos os dois quadros de Arthur Loureiro. No que se intitula *O descanço*, estende-se a fria planura verdejante d'uma paysagem de primavera, colhida sob uma athmosphera embrumada; e, no primeiro plano, um rijo rapazola do campo, gordo, sanguineo, contente, vestindo uma roupa coçada e com os cabellos ruços ao vento, senta-se n'uma carreta barrada de terra. Sorrindo na alegria dos seus olhos verdes, dir-se-ia um pequeno deus das hervas, a cujos pés rebenta a rustica floração das margaritas e das papoulas rubras, recortadas com uma nitidez de toque irreprehensivel. *No bosque* é um soberbo pedaço de *sous bois*, feito n'uma tonalidade velada de decoração; os troncos delgados e pardos espalham-se por todos os lados, subindo até meia altura, intervallados d'ar; emquanto que o chão arrelvado foge no prolongamento profundo da perspectiva. Sómente, o cordeiro branquinho e mimoso, que se entretem e passeia á frente do quadro, ganharia em ser posto fóra d'alli, docemente arrastado á trela d'uma fita côr d'aurora.

Monteiro Ramalho.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 311.)

II

BRAZIL

No dia 31 de outubro de 1759 fundearam no Rio de Janeiro as duas naus portuguezas *Nossa Senhora das Brotas* e *Nossa Senhora da Estrella*, commandadas por João da Costa de Brito e João da Costa de Athaide.

Os despachos de Lisboa que n'essa occasião recebeu o governador e capitão general do Rio de Janeiro e Minas, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, eram nada menos que para elle bloquear o collegio dos jesuitas d'aquella cidade, e aprehender e reduzir a uma só morada todos os que habitassem no districto da mesma cidade e no vastissimo territorio d'aquella capitania, por quantos mais collegios lá houvesse e nas fazendas e engenhos de que os mesmos padres eram senhores. Ao mesmo tempo devia pôr em rigoroso sequestro tudo o que lhes fosse encontrado e inventariar todos os bens, assim moveis como de raiz, rendas ordinarias, escravos e gados.

Com mui louvavel prudencia e moderação se houve n'essa difficil conjunctura o conde de Bobadella, a quem de nenhuma sorte faltou a resoluta energia implicita nas ordens do conde de Oeiras.

Primeiramente se dirigiu ao bispo da diocese que, por motivo de molestia, não podia deixar a sua camara. E expondo-lhe o conteudo na carta regia de 21 de julho, que acabava de receber, e a impreterivel sem demora recommendada para o cumprimento d'ella, pareceu ao bispo o dia seguinte, em que a Egreja celebra a festividade de Todos-os-Santos improprio para a execução de semelhantes diligencias; e por isso ficou resolvido de commum accordo que ao outro dia se désse principio a ellas. Portanto, no dia 2 de novembro, apesar da grossa chuva que cahia, o brigadeiro Vicente da Silva da Fonseca, auxiliado por uma força de cem bayonetas, foi encarregado de cumprir as ordens do conde de Bobadella. Quando vinha rompendo a manhã, estavam tomadas as avenidas do collegio e tudo prompto para dar principio ao sequestro o desembargador Agostinho Felix dos Santos Capello, a esse fim nomeado pelo governador e capitão general.

Seguiram-se logo as outras diligencias, cuja execução era a fiel imagem do que ás mesmas horas estava succedendo em Portugal. Ministros e officiaes de justiça, escoltados por fortes destacamentos, enchiam os caminhos e cercavam as casas e as fazendas da Companhia de Jesus, para o confisco de seus bens e haveres, e para a conducção de todos os seus membros ao collegio do Rio de Janeiro, ora convertido em casa de custodia.

Coube aos dois ouvidores do civel e do crime, e a mais quatro desembargadores fazer sequestro na cidade de S. Paulo, nas villas de Santos e de Paranaguá, e na capitania do Espirito Santo, bem como nas fazendas visinhas á cidade — os dois engenhos de assucar e fazenda de S. Christovam, as dos Campos dos Goytacazes, de Santo Antonio de Sá e a denominada do Sacco.

E, porque foram escassos os cabedaes encontrados, o governador mandou a seguinte explicação d'esse facto em officio de 7 de dezembro: —«É certo que, sabendo os padres que em mais ou menos tempo havia de chegar a tormenta, puzeram o seu thesouro em salvamento, pelo que se lhes não encontrou mais dinheiro (elles dizem ser quasi todo alheio) que 4:173$220 réis, do que se vão sustentando, como se decretou. [1]»

N'aquella data estavam já reclusos no collegio do Rio de Janeiro cento e vinte e tantos jesuitas. Eram todos os que havia no governo do conde de Bobadella, menos os que viviam a grande distancia nos Campos dos Goytacazes.

Pelo mesmo tempo em Lisboa estavam promptas a sahir para a Bahia as duas naus *Nossa Senhora da Ajuda* e *Nossa Senhora do Livramento*, que deviam transportar ao Tejo os jesuitas da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

O capitão de mar e guerra, Antonio de Brito Freire, tivera o commando da nau *Ajuda*, por carta regia de 4 de novembro de 1759, na qual, antes de tudo, era prevenido de que até sahir a barra fizesse correr voz que ia levar áquella cidade o marquez de Lavradio, havia pouco nomeado vice-rei do Estado do Brazil, em substituição do conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, que exercia então aquelle cargo.

Ia, com effeito, de viagem o marquez de Lavradio, bem como Gonçalo Xavier de Barros Alvim, coronel de um dos regimentos da Bahia, o segundo capitão de mar e guerra, José Rollem Van Dreck, e mais vinte marinheiros com que o conde de Oeiras tinha mandado augmentar a equipagem da nau, sob pretexto de conduzirem ao Tejo uma que se estava construindo na Bahia.

O commandante da *Livramento*, Gaspar Pereira da Camara Maciel, logo que ambas as naus largaram os pilotos da barra, abriu na presença dos officiaes uma carta de prego, em que desde aquelle momento ficava inteiramente subordinado ao commandante Freire, para não se desviar da *Nossa Senhora d'Ajuda*, e dar fundo juntamente com ella na Bahia.

Apenas ali chegados, Antonio de Brito Freire mandaria a terra o coronel Barros Alvim para entregar ao conde dos Arcos os despachos do governo, e outro official da sua confiança, com ordem de voltar logo que aquelle desembarcasse, para a gente do escaler não tractar com a de terra, e não se espalhar a noticia do exterminio dos jesuitas na metropole. Com o mesmo fundamento era prohibido que da terra fosse pessoa alguma communicar com as equipagens das naus.

Os despachos remettidos ao conde dos Arcos, de mui differente natureza, eram em resumo os seguintes: — a patente de coronel de um dos regimentos da Bahia para o mencionado Gonçalo Xavier de Barros Alvim; — outra de coronel, posto que vagava pela reforma do coronel Jeronymo Velho, irmão do provincial da Companhia, para o tenente coronel Manuel Xavier Alla; — duas cartas regias, sendo a primeira para o arcebispo da Bahia, dando parte que lhe fôra acceite a resignação que pedira; e a segunda para o cabido da Sé metropolitana d'aquella cidade, depois de inteirado d'esse facto, tocar logo a Sé vacante e assumir o governo do arcebispado; — e um exemplar impresso da *Collecção dos breves pontificios, leis regias e officios*, por onde constavam os justos motivos da expulsão dos jesuitas, incluso n'uma extensa carta regia para o conde dos Arcos. Ahi, depois de se lhe dizer que entregasse os diplomas citados, e de o avisar que o marquez de Lavradio, com o pretexto de se achar adoentado da viagem, tinha ordem de permanecer a bordo da nau até elle, conde dos Arcos, lhe enviar recado que podia desembarcar, se dispunha o seguinte:

— Que mandasse logo por um expresso entregar ao governador de Pernambuco, Luiz Diogo Lobo da Silva, os despachos que lhe eram dirigidos;

— Que, a titulo da chegada do novo vice-rei, formasse os dois regimentos da Bahia, e, no mesmo acto, désse posse aos dois coroneis ultimamente promovidos, e baixa ao outro coronel reformado;

— Que na mesma noite d'esse dia, sendo possivel, mandasse os officiaes militares mais graduados e os ministros da relação, de sua maior confiança, transportar em silencio e sem escandalo ao noviciado de Tapagipe todos os jesuitas do collegio da Bahia, do seminario de Belem e do engenho do Conde, sequestrando-lhes na mesma occasião todos os papeis, cartas, missivas, dinheiro e bens moveis, assim communs como particulares, que fossem encontrados n'esses tres edificios;

— Que os reclusos não tivessem a menor communicação, quer com pessoas de fóra, quer com os mesmos guardas, os quaes por isso não deviam ser postados dentro do noviciado, mas sim fóra d'elle, a distancia tal que não permitisse conversação alguma entre os reclusos e as sentinellas;

— Que no dia immediato, publicasse a toque de caixa, com as tropas formadas, as duas leis recentemente promulgadas para a expulsão dos jesuitas e para se guardarem nos archivos municipaes de todo o reino os documentos destinados a perpetuar a memoria das violencias dos jesuitas;

— E, finalmente, que logo depois de feita essa publicação mandasse recado ao marquez de Lavradio para ir immediatamente tomar conta do governo.

Havia tambem uma carta familiar do conde secretario de estado para o conde dos Arcos, do teor seguinte:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — As explicações que me trouxe a expedição das duas naus que partem para esse porto, e a esperança de que na volta d'ellas terei a honra e o contentamento de ver a v. ex.ª me fazem ser mais breve n'esta carta particular com que vou alegrar-me na presença de v. ex.ª pelas boas noticias que acabo de receber da conservação da sua preciosa saude, e pelo gosto que a v. ex.ª causará a proxima esperança de se recolher a sua casa, esperando eu que este gosto se faça completo com a felicissima viagem que ardentemente desejo a v. ex.ª

«Os largos despachos que sua magestade dirige a v. ex.ª versam sobre o maior e mais importante interesse que hoje tem a real pessoa e estado do mesmo senhor; tendo-se manifestado que nem a magestade nem a monarchia poderiam subsistir sem a heroica resolução com que o mesmo senhor tem feito expulsar d'estes reinos todos os perversos jesuitas que n'elles habitavam: havendo-os mandado transportar a Italia no numero de não menos de oitocentos por navios que fez tomar a frete para este effeito.

«O mesmo espera sua magestade que se pratique com os d'esse dominio, deixando v. ex.ª aberto o caminho ao seu successor pela observancia das reaes ordens que lhe vão expedidas para serem executadas por v. ex.ª antes de v. ex.ª demittir o seu acertado governo.

«Aqui tem constado com a chegada da frota a torrente de calumnias e de imposturas que os mesmos jesuitas, na apparencia fingidos santos e penitentes, teem feito passar n'essa cidade.

«Não causou isto grande admiração, porque é o mesmo que elles tem praticado n'estes reinos e fóra d'elles em toda a Europa: concitando contra si com as referidas imposturas e calumnias a universal indignação, e justificando assim cada dia mais a indispensavel necessidade de serem expulsos de todos os dominios de elrei nosso senhor. Emfim, são homens desamparados da mão de Deus, e que teem sobre si a justiça divina, pelos excessos da soberba e da cobiça com que teem causado um tão geral e ruidoso escandalo a todo o universo.

«Suas magestades gozam da perfeitissima saude com que se ficam gostosamente divertindo no exercicio da caça grossa em que abunda a tapada de Villa Viçosa. E toda a real familia gosa n'aquelle sitio da mesma feliz disposição.

Emquanto v. ex.ª me não dá o gosto de o ver, desejo achar occasiões de me empregar na honra de servil-o.

«Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Sitio de Nossa Senhora da Ajuda a 8 de novembro de 1759. — *Conde de Oeiras.*

[1] *Hist. dos jesuitas e suas missões na America do Sul*, pelo dr. Mello Moraes — Rio de Janeiro, 1872, — t. II, pag. 459.

(Em *post-scriptum*).—«Quando despachava as naus que acima refiro, principiou a entrar a frota d'esse Estado, que na maior parte fica a salvamento n'este porto, faltando somente tres ou quatro navios. Muitos mais faltam da frota do Rio de Janeiro, que tambem tem principiado a entrar. Os thesouros de ambas ficam, porém, a salvamento na casa da Moeda, porque, havendo chegado a Cascaes as duas naus de comboio das referidas frotas, se fizeram descarregar os thesouros que ellas traziam, voltando logo uma para a costa do norte, e a outra para a do sul, a demandarem os navios de suas respectivas conservas, até os recolherem.»

Na mesma occasião o grande ministro de D. José I enviou tambem tres cartas para o Chanceller da relação da Bahia e para dois conselheiros do conselho ultramarino, ainda hoje ineditas, que, por serem completamente ignoradas e muito interessantes, transcrevo em seguida:

«Para Thomaz Robi de Barros Barreto, chanceller da relação da Bahia.

«A nau que deve transportar esta carta se despacha em uma tão grande occorrencia de negocios e com tal brevidade que se me faz preciso reduzir-me a segurar a v. m.^cê o gosto e a estimação com que tenho recebido as suas cartas até a ultima que me acaba de chegar pela frota, e a certeza que ellas me trouxeram de ter v. m.^cê posto o fim ás suas peregrinações, com a felicidade de haver feito o descobrimento do salitre em tão grande abundancia um tão interessante serviço a el-rei nosso senhor; e de se achar de perfeita saude, regendo n'essa relação o logar em que espero que o zelo e o acerto frutifiquem muito util e copiosamente em commum beneficio dos interesses e da tranquillidade publica d'esses povos, que da mesma sorte que os d'este reino se achavam como todos conquistados pela nunca assás comprehendida malicia e cruel ambição dos regulares da Companhia denominada de Jesus, para debaixo d'este titulo apparente, nos pôr no horroroso perigo de perdermos em um minuto de tempo com el-rei nosso senhor toda a monarchia, ficando em uma guerra civil uns com outros sem se distinguirem n'ella os auctores dos reos, para nossa total destruição. Emfim, louvada seja a misericordia divina, que nos soccorreu com tantos milagres, para nos deixar no heroico espirito de sua magestade o remedio maior da resolução com que tem expulsado de todos os dominios d'este reino aquella perniciosissima Sociedade, que se achava numerosa de oitocentos individuos e de outros tantos inimigos communs do genero humano. Tudo isto verá v. m.^cê mais amplamente na *Collecção* que lhe ha de distribuir o conde vice-rei d'esse Estado.

«Eu desejo sempre que v. m.^cê me dê occasiões de o servir.

Deus guarde a v. m.^cê Sitio de Nossa Senhora da Ajuda a 9 de novembro de 1759—*Conde de Oeiras*.

«Para Manuel Estevam de Almeida de Vasconcellos Barbarino, conselheiro do Conselho do Ultramar—Bahia.

«Na brevidade com que se despacha a nau que deve trasportar esta carta e na occorrencia de negocios que trouxe comsigo esta expedição não me pode caber mais do que segurar a v. m.^cê o gosto e a estimação com que recebi as suas cartas, e o desejo que se lhe conserve sempre a mais perfeita saude.

«Aqui se tinha muito bem comprehendido o achaque que haviam contrahido os negocios de que v. m.^cê foi encarregado, e a perna cocha que os fazia manquejar para se não adiantarem á proporção do tempo. Elle, porém, assim como descobriu tambem emendou tudo, no modo como v. m.^cê verá pela *Collecção* que ajuntarei a esta carta para servir a v. m.^cê de informação e de regra para o que deve obrar no futuro até a total extirpação da peste de que todo este reino está livre e que ainda infecta esse Estado. Onde tenho por certo que v. m.^cê cooperará para uma tão grande obra em tudo que lhe fôr possivel com a fidelidade, zelo e prestimo com que sempre se empregou no serviço real.

«Ao mesmo tempo em que v. m.^cê receber esta terá occasião de vêr o marquez de Lavradio, novo vice-rei n'esse Estado. Eu tenho com este fidalgo grande amizade e parentesco. Elle vai muito bem informado da honra e probidade com que v. m.^cê se faz merecedor da sua confiança.

«A qual lhe aconselhei que tivesse sempre com v. m.^cê E espero que v. m.^cê a cultive n'esta certeza, sem se deixar persuadir de alguma melancolia para se afastar d'elle, e sem se deixar surprehender pelos muitos e artificiosos fingimentos e enganos, que só a experiencia de muitos tempos lhe fará conhecer.

«Fico para servir a v. m.^cê, cuja pessoa guarde Deus muitos annos.

«Sitio de Nossa Senhora da Ajuda a 9 de novembro de 1759.—*Conde de Oeiras.*»

A carta para o conselheiro Antonio de Azevedo Coutinho, era igual á precedente, menos os dois ultimos paragraphos.

Alberto Telles.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

VI

O sr. Pereira e a sua esposa iam fallando e dirigindo-se para a sala.

A Ignacinha acompanhava os deitando de vez em quando um olhar curioso para o Dominguinhos, que cada vez mais curvado, sob o pezo dos agazalhos e da consideração, esperava silencioso que o seu Papá ou a sua Mamã o apresentasse áquella menina a quem nunca fallára depois da sua transformação de aspirante a sacerdote em litterato do futuro, e que ella se dignasse allivial-o dos abafos paternos.

Mas nem o pae nem a mãe pensavam n'isso: estava-se já ao pé da porta da sala; ouvia-se já distinctamente o italiano mascavado da menina Alice guinchando affectadamente, com muitas caretas e expressivo revolvêr d'olhos o *addio* da Traviata, via-se já a cara enlevada dos paes da cantora e a cara seccada dos outros circumstantes, e o Dominguinhos ajoujado como um cabide, e nada de o apresentarem nem de tão pouco lhe tirarem a roupa.

Tanto que elle não teve remedio, senão contra as praxes da etiqueta, puchar pela saia de sua mãe e dizer-lhe, desmanchando a sua ceremoniosa e silenciosa linha correcta:

—Ó mamã! então eu heide ir para a sala assim carregado? Onde heide pôr tudo isto?

—Ah! é verdade exclamou a mãe, nem de tal me lembrava!

E voltando-se para a Ignacinha disse-lhe em voz muito alta, uma voz que entrando pela sala dentro de repente foi abafar os *bei sogni ridenti* em que a Violeta se esganiçava:

—Ó Ignacinha, olhe, faz favor, guarda-me lá para dentro esses chales qae ahi tem o meu pequeno?

Da sala porém vieram immediatamente uns *schius!* indignados, impondo silencio.

A mãe do Dominguinhos então cahiu em si.

O sr. Pereira ao mesmo tempo disse-lhe n'um tom docemente reprehensivo:

—Então menina, olha que estão a cantar.

—Não tinha reparado, desculpou-se ella em voz baixa.

E no mesmo tom de surdina disse para a Ignacinha, que estava já libertando o Dominguinhos dos casacos, mantas e *cache-nez*.

—Olha, filha, põe lá dentro, mas em sitio onde não vá o gato.

Ao tempo, a sr.ª Leitão e seu marido, que olhando para a porta d'onde viera o ruido que motivára os *schius* tinham reconhecido os Pereiras, tinham-se erguido das suas cadeiras, e atravessavam a sala, muito amaveis no seu mister de donos da casa, a receber os seus convidados.

Silenciosamente a sr.ª Leitão e a sr.ª Pereira abraçaram-se e beijaram-se com grande intimidade, os dois homens trocaram-se fortes *shakhands*, e depois, os quatro de mãos dadas, atravessaram a sala, nos bicos dos pés, seguidos do Dominguinhos que, com grandes passadas, bamboleando muito os braços, cabeça erguida e monoculo petulantemente encaixado no olho direito, dispertou no auditorio geral hilaridade, que as meninas disfarçaram atraz dos leques e os homens afagando os bigodes.

A menina Alice atrapalhára-se um pedaço na sua *Traviata* ao voltar a cabeça para ver quem é que vinha, mas ao reconhecer o Pereira e a familia atirou-se outra vez com alma ao *Addio del passato*, redobrando de força expressiva, demorando indefinidamente as notas *sostenutas* com a sua voz muito tremula, que echoando pela sala fazia o effeito d'um cão a ladrar perto.

Por fim, e com agradavel surpreza dos ouvintes, que, aterrados, pensavam já que aquillo não acabava, a Alice acabou de cantar e levantou-se do piano.

Então os espectadores irromperam em freneticos applausos, e uma ruidosa salva de palmas demonstrou o contentamento que ia no espirito de todos, por finalmente ter acabado aquella massada.

*
* *

Sentada no seu logar, muito vermelha da gloria conquistada, abanando as mãos cançadas de tocar tanto e puchando um certo pigarro peculiar ás cantoras de casas particulares, a menina Alice agradeceu com uns meneios de cabeça e uns sorrisos modestamente orgulhosos, os cumprimentos que lhe faziam as senhoras que estavam proximas e os que lhe dirigiam as que estavam mais distantes, batendo silenciosamente as palmas com uns risos, uns olhares e uns gestos de cabeça, muito amigaveis e significativos.

Depois fez-se na sala um momento de silencio, apenas interrompido aqui e ali pelo sussurro manso dos dialogos banaes, que se travavam a custo, em pequenos grupos.

A um canto, o Dominguinhos isolado, sem ninguem fazer caso d'elle, tomava attitudes, punha e tirava o monoculo, fitava cá de longe, esboçando sorrisos superiores, a menina Alice que a miudo lhe deitava olhares languidos e eloquentes.

A Ignacinha voltando de arrumar os agasalhos da familia Pereira, ao abrigo dos ultrages do gato da casa, e de, na passagem pelo seu toucador avolumar as suas faces com uma nova camada de pó de arroz, trouxe á sala a animação que visivelmente decahia.

Foi direita á Alice dar-lhe um beijo e dizer-lhe duas amabilidades pela sua cantoria, depois esteve um momento ao pé da mãe da sua amiga a louvar-lhe os progressos musicaes da mesma, esteve a cochichar com a Cleta rindo muito ambas á sucapa, e finalmente assentou-se ao pé da mãe do Dominguinhos, fazendo-lhe muitas festas, mettendo-a muito no coração.

—Então quantos, quantos se fazem hoje? perguntou a sr.ª Pereira, dezesete não?

—Isso era bem bom! tornou a Ignacinha em tom lamentoso. Dezoito!

—Dezoito, já?

—Sim senhora.

—Ih! que velhinha!

—Brinque, brinque, sr.ª D. Ephigenia! Para lá se vae caminhando.

—Sabe o que lhe digo minha filha, tornou sentenciosa a sr.ª D. Ephigenia! Quem me dera ter a sua idade!

—Não tem muitos mais...

—Não, é uma graça! O meu filho vae fazer dezesete!...

—O que? já?

—Sim senhora!

—Ih! como o tempo passa! exclamou philosophicamente a Ignacinha.

—Está um homem!

—É verdade! Eu nem o conhecia, a ultima vez que o vi ainda elle era um pequenino de bonesinho e jaleca... E tanto não o conhecia que nem lhe fallei ainda...

—Ah! não lhe fallou? Pois é um rapaz muito esperto. Não é por elle ser meu filho que eu digo isto...

—Bem sei, bem sei, atalhou amavelmente a Ignacinha, tenho ouvido dizer isso a muita gente. O papá cá em casa não se farta de o gabar!

—Lá isso é! Muito bom estudante... Teve até louvor em portuguez, o que é uma coisa rara!

—Ih!

—E d'uma esperteza e d'um talento que nunca vi nada assim. Olhe, eu muitas vezes tenho dito ao Pereira: eu não sei a quem o pequeno sae.

—Ora que idea!

—A mim, não, continuou loquaz e modesta a D. Ephigenia, a mim não que nunca fui de sabenças nem de leituras. Para encarrillar com a lettra redonda dei agua pela barba ao meu tio Domingos, que era frade do Varatojo, e esse sim, esse é que era um talentão!

—Talvez o seu filho saia a elle, lembrou a Ignacinha.

—Só se fôr isso. A mim não sae porque como já disse nunca fui para grandes cavallarias: ao pae muito menos... Eu não sei, é um phenomeno...

—E está um rapaz todo serio, parece já um homem...

—E se a menina o ouvisse recitar o sermão de cinza! Isso é da gente ficar de bocca aberta... É um portento, eu bem sei que me podem chamar tola por eu dizer isto...

—Oh! sr.ª D. Ephigenia!

— Mas é a verdade, é um portento. E a descripção do Incendio feita por elle?
— De qual incendio?
— Um incendio que lhe sahiu no ponto do Lyceu!
— Ah!
— Ah! menina não faz idéa! É tão bonita, tão bem feito, que até faz horror!
— Oh!
— Foram essas duas cousas que lhe deram o louvor.
— Ah! sim?
— Sim, senhora: os mestres ficaram pasmados. O padre Amado, que reprova toda a gente, disse a um amigo do Pereira: — O exame foi de tal ordem que nós demos-lhe louvor por não ter mais nada que lhe dar.
— Ora vejam lá!
— E outro dia, a semana passada, em casa do desembargador Meirelles, conhece?
— Perfeitamente, e pae d'aquellas pequenas que iam tomar banhos de carruagem á praia do Roque?
— Esse mesmo. A filha mais velha, a Chica, fez outro dia annos. Houve lá tambem *soirée*, mas foi uma festa a valer, muita gente, tudo gente fina, juizes, figurões, fidalgos.... E houve ceia com vinhos e carnes frias aquillo é que foi festa...

A menina Ignacinha ouvia esta opulenta descripção com um risinho amarello, emquanto lá por dentro, com os seus botões dizia muito frenetica:
— Ora não ha! Que grande malcreada!
— Pois o meu Dominguinhos recitou lá:... foi o proprio sr. desembargador quem lhe pediu! Recitou o sermão de cinza, e o incendio. Ah! menina não imagina! Veio tudo abaixo com palmas, bravos; uns rapazes que lá estavam e que fazem peças para os theatros, pediram *bis*, obrigaram-n'o a repetir o sermão todo! Eu sei lá, foi uma loucura! Estavam todos doidos com o pequeno, e o desembargador Meirelles veio ter commigo, chamou-me de parte e disse-me:
«— Sabe o que lhe digo, sr.ª D. Ephigenia. Dou-lhe o meu parabem, o seu filho hade ir longe; hade ir longe, não lhe digo mais nada!»
— Ah! disse-lhe isso?
— Sim senhora, como eu lh'o estou dizendo. E parece-me que elle é bem competente para o dizer; um desembargador!
— Lá isso está bem de vêr que é...
— Olhe a menina logo peça-lhe para elle recitar...
— Com muito gosto, mas eu não lhe fallei ainda. Elle não me conhece... Conhecemo-nos em pequenos: brincámos muitas vezes juntos no Campo Grande, lembra-se?
— Se me lembro! Quem me dera n'esse tempo!
— Mas agora elle está um homem, e eu tambem.
— Mas eu apresento-a...

E voltando-se para o outro lado da sala, onde seu filho continuava isolado, puchando os punhos, arqueando os braços, tomando poses de homem superior, a D. Ephigenia chamou:
— Ó Dominguinhos! Dominguinhos! Anda cá!

E emquanto o Dominguinhos erguendo-se atravessava a sala bamboleando-se, com o seu ar candenciado e postiço, obedecendo ao chamamento de sua mãe, a D. Ephigenia ensinava em voz baixa o recado á Ignacinha:
— Não lhe peça já; logo, logo, mas não lhe diga que fui eu que lhe disse, hein?

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

O GENERAL CAETANO ALBERTO MAIA — Fallecido em 4 de julho de 1888

(Segundo uma photographia)

RESENHA NOTICIOSA

Viagem de suas magestades. No dia 30 de julho pelas 6 horas da tarde embarcou Sua Magestade El-rei D. Luiz, no couraçado *Vasco da Gama*, que deve transportar o regio viajante até Marselha, onde chegará no dia 2 do corrente. Acompanharam El-rei até ao arsenal, Sua Magestade a Rainha e Suas Altezas os duques de Bragança e o infante D. Affonso. No arsenal estava todo o ministerio, officialidade de terra e de mar, altos funccionarios, titulares, camara municipal, membros da Associação Commercial, outras corporações particulares, etc. Á despedida houveram vivas, levantados pelos srs. Roza Araujo e visconde de Paço d'Arcos, superintendente do arsenal, que foram calorosamente correspondidos. O itinerario da viagem de El-rei é o seguinte: Até Marselha, no couraçado *Vasca da Gama*, seguido do torpedeiro *Espadarte*; em Marselha Sua Magestade é esperado pelo sr. conde de Valbom, nosso ministro em França, demorando-se n'aquella cidade dois dias, para o que foram tomados aposentos n'um dos principaes hoteis. Sua Magestade seguirá depois por terra, para Gastein, estação de aguas thermaes, situada n'um valle dos Alpes, na provincia de Salzburgo, Austria, onde vae fazer uso das aguas. Sua Magestade a Rainha e Sua Alteza o infante D. Affonso partiram em comboio expresso, da estação de Santa Apolonia, ás 7 horas da tarde, tendo sido acompanhados á estação por quasi todas as pessoas que no arsenal assistiram á partida de El-rei, incluindo Suas Altezas os duques de Bragança, que depois de terem acompanhado El-rei, na galeota real até bordo do *Vasco da Gama*, vieram á estação do caminho de ferro despedirem-se de Sua Magestade a Rainha e Infante. D. Maria Pia e D. Affonso seguiram directamente para Paris, devendo ser esperados em Hendaya pela sr.ª condessa de Valbom, esposa do ministro portuguez em França. Sua Magestade viaja incognita, com o titulo de condessa de Guimarães. Em Paris demora-se tres a quatro dias, hospedando-se no *Grand Hotêl*, seguindo depois até Gastein, por Strasburgo, Francfort, Praga e Vienna. Depois de fazer uso das aguas de Gastein, seguirá para Munich e Genebra onde se deve encontrar com Sua Magestade El-rei, indo depois os reaes viajantes a Turim, ao que parece assistirem ao casamento do principe Amadeu. Que a viagem seja feliz é o que muito desejamos.

Banquete em Paris commemorativo da abolição da escravatura no Brazil. Em Paris, como em Lisboa e no Porto, houve um banquete commemorativo da abolição da escravatura no Brazil, promovido pela colonia brazileira d'aquella capital. Assistiram a esse banquete, além dos membros mais importantes da colonia, os representantes diplomatas do Brazil e o sr. Goblet ministro dos extrangeiros, o qual pronunciou um brilhante discurso, em que fez o elogio da nova lei libertadora e da princeza regente, referindo as proprias palavras que a princeza dirigira ao ministro francez, no Rio de Janeiro, poucos dias antes da votação do parlamento, e que em seguida transcrevemos: «Sim, eu bem sei que os fazendeiros dizem: »Os meus escravos constituem uma propriedade tão legitima, tão inviolavel, como uma casa ou herdade, pois que os comprei ou herdei sob a garantia da lei.» Mas o escravo diz: «Nenhuma lei póde dar ao homem direito de propriedade sobre o homem». A lei é unicamente a sancção da justiça, e nenhuma consciencia humana póde legitimar a escravidão. Ninguem é obrigado a acceitar uma lei que o priva dos direitos que a natureza lhe deu; quanto a mim, já demasiado tem durado esta lei. Acho-a iniqua e revogo-a sob minha responsabilidade, perante a minha consciencia e perante Deus.»

Conferencias publicas pelo sr. José Julio Rodrigues. Tem realisado no salão do theatro de D. Maria, em os dias 15, 22 e 29 de julho, conferencias publicas o sr. José Julio Rodrigues, que tem attrahido grande numero de ouvintes. As conferencias tem versado sobre a sociedade portugueza, seus costumes, educação, commercio, industria, etc., comparadas com as sociedades lá de fóra, d'onde o conferente regressou ha pouco. O digno professor, discursando com a verbosidade elegante de que é dotado, e dispondo de grande somma de conhecimentos, poz bem em relevo muitos defeitos da nossa sociedade, determinou a causa de muitos males que a affligem, principiando pelo ensino escolar, e apontou remedio para muitos d'estes males. A utilidade d'estas conferencias é inegavel, porque sempre influe mais ou menos no espirito publico, quando partem de um homem de sciencia tão abalisado como é o sr. José Julio Rodrigues.

O dr. Manckenzie e a côrte allemã. Formou-se em Londres uma sociedade que propoz ao dr. Manckenzie, medico inglez que tratou do imperador Frederico III, o escrever um volume do que se passou na côrte da Allemanha durante a doença do infeliz imperador. Para isso offereceram ao illustre medico, pelo original do volume 22:500$000 com a auctorisação de extrahirem 50:000 exemplares; Manckenzie, porém, regeitou este negocio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim de medicina homœopathica, *collaboração livre de todos os medicos*. Lisboa, tomo I, numero 1, julho de 1888. É uma publicação que se propõe dar noticia de todos os progressos que a homœopathia vae fazendo por toda a parte, concorrendo assim para vulgarisar este systema que conta muitos adeptos. Parece-nos ser esta a primeira publicação periodica que se faz no paiz, de propaganda homœopathica.

Pyrilampos. *Chronica saudavel de costumes doentios*, por Camillo Queiroz (Caldas Cordeiro) e Eduardo Pacheco. Lisboa, 1888. Fasciculo II, de julho. Uma publicação nova, de escriptores tambem novos. Que tenha muitos leitores é o que desejamos aos *Pyrilampos*.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa